

Reflexões e Máximas

Braga Montenegro

Confesso que ao receber, por benevolente oferta, o livro do Professor Eduardo Girão (Vida e Pensamento, 1958, Livraria Freitas Bastos, Rio, 315 págs.), antes de sentir-me lisonjeado pela dádiva com que o autor me distinguiu, experimentei uma sensação muito estranha de responsabilidade, dessas que nos invadem sempre que temos de dizer a pessoas a quem respeitamos as qualidades negativas, as fraquezas, que tanto maiores lhes são quando lhes admiramos, pelo contraste, as infinitas virtudes.

Eu sei que às vêzes me torno um sujeito antipático e rude; e mais rude e mais antipático me faço porque não hesito em apontar às pessoas a quem mais amo — quando em assunto de letras, evidentemente — os seus defeitos ou fraquezas, mesmo os mais fáceis de serem relevados, que nos amigos sempre os observo por monstruosas lentes de exagerar ou deformar.

E assim eu teria de dizer ao Dr. Girão, com franqueza que me estraga em muitos casos a compostura, que sua obra era um equívoco, que êle não se devia intrometer em assuntos que não seriam aquêles de sua seara, em assuntos de moral, de filosofia e de literatura.

Acostumara-se a ver no veterano professor de direito,

naquele homem grave e calado, um mestre completamente absorvido em assuntos de leis e de advocacia, afundado em problemas de regulamento e de forum, o espírito inteiramente deformado pela profissão, que logo o tomei como um diletante a se intrometer naquilo que não lhe competia, principalmente naquilo que reputo mais sério que tôdas as regras legislativas ou estatutos jurídicos — o dom do pensamento, da arte e da literatura.

Prejulguei o livro do Sr. Eduardo Girão como um capricho de valetudinário, uma ocupação de quem, tendo atingido a idade propecta não encontrasse, para lhe encher os ócios concedidos pela profissão em arremate, outros meios de matar o tempo e o tédio.

Mas abro o livro a êsmo e leio: “Afeiçoa-te ao teu momento; alegre ou triste, êle te pertence. É um legado da vida”. Leio ainda: “Observa as pequenas coisas; as grandes, tôda a gente as vê, sem esforço e pena”. Aí estará certamente um pensador e um poeta. Abro-o mais uma vez e vejo êste conceito de perfeito moralista: “Haverá exceções, mas a regra é que o homem, ainda o pior de todos, não se julga mau; óbvio, portanto, é que a maldade não constitui o ideal da vida”.

E então me convenço de que tenho em mãos um descendente tardio de La Rochefoucauld e de Matias Aires, mas um rebento bastante digno dessa remota parentela. E mais me certifico de que, atrás daquela modéstia e retraimento, há uma vida em prospecção, uma vida inundada em sabedoria e pensamento, cuja experiência não se esvai em suspiros de queixa pela mocidade perdida, e antes se exercita na descoberta do inexaurível filão de energias espirituais, que é o dom de Deus comunicado ao ser humano.

E, quando eu afirmo no Sr. Eduardo Girão um descendente tardio do ilustre mestre do século XVII, tenho em mente que seu livro apareceu quando não mais se lê, quando não mais se pensa. Daí a inoportunidade material da obra que, como se observa, é o fruto de uma vida inteira de meditação, de pesquisa na profundidade das almas.

E, o que mais ressalta dessas trezentas e tantas páginas impressas, é um espírito realmente apaixonado pela verdade, essa mesma verdade nua e tranqüila à beira do poço, segundo a lenda, ou ainda essa verdade maltrapilha, quase ridícula e conspurcada ao império da mentira e da ignorância que é a norma da sociedade de contrafação em que vivemos — mas sempre a Verdade esplêndida e eterna.

Eu aludi aqui, para situar a obra do sr. Eduardo Girão, ao grande clássico francês, criador das **Reflexions e Maximes Morales** e ao admirável paulista que encheu de sabedoria o alvocer de nossa história política, mas eu acertaria melhor se o aproximasse, pelo tom de melancolia, de irônica tolerância, pela inclinação religiosa, pela modéstia nos conceitos, de outro moralista e pensador francês do século XVII, cuja vida foi breve, mas de que a glória atravessa os tempos, o Marquês de Vauverna-gues.

Não me incumbirei aqui, no breve espaço de uma crônica em primeiro jacto, da análise do livro, tão denso em conceitos e em verdades, senão tomo a mim a tarefa de recomendá-lo à consideração daqueles a quem o tecnicismo pragmático de nossos dias ainda não corrompeu, a quem os interesses do dinheiro e do sexo não alucinaram.

Certo que o papel do crítico é analisar e julgar, dessa sorte eu afirmaria que nem tudo no livro do Prof. Eduardo Girão é feito de acôrdo com as minhas preferências e de tal modo a merecer o meu incondicional aplauso. Sinto, no folhear as páginas, aqui e acolá, um tom rançoso de anacronismo, um que outro conceito impregnado de cansada filosofia. Entretanto, o teor geral do livro é expresso num modo muito pessoal de surpreender e julgar os problemas morais, os aspectos filosóficos do ser e da vida.

Algo pessimista, algo irônico e sentimental, profundamente deísta, sempre correto de forma e de fundo, o autor faz o clima de seu livro oscilar em meio ao travo das vicissitudes, à dúvida dos paradoxos, às místicas transfigurações do espírito e às amáveis zombarias das fraquezas humanas. Às vêzes exclama, como

Machado de Assis: "Na desventura de não ter descendentes só um consôlo encontro: não aumentei as dores do mundo". Às vêzes aconselha com resignada sabedoria: "Sofres? Transforma a sombra em luz: o espírito opera milagres". Às vêzes afirma com irônica piedade "O doutor não estima o burguês: prefere-lhe as filhas em casamento".

E para concluir esta página de apressadas considerações críticas, eu recomendaria a forma em que êsse livro está redigido, a sobriedade da linguagem, o aprumo do estilo; e recomendaria também a página de sentida evocação poética do rio Banabuiú, cuja visão enche de saudades o espírito de quem, sertanejo nos primeiros anos, vadeou suas águas e escaldou a planta dos pés em suas areias abrasadas.

Quem de nós, cearenses, cuja infância decorreu no interior, não tem um rio a deslizar na imaginação e na saudade?